

APRESENTAÇÃO

É com satisfação que apresentamos este número da Revista *Perspectiva* dedicada aos professores de línguas estrangeiras (LE) e a todos os que se preocupam com a educação em forma geral, num momento em que se retoma a nível nacional a necessidade de se discutir o ensino de LE, focalizando, principalmente, seus aspectos educativos e culturais mais amplos.

Como profissionais da área e compreendendo a importância desse ensino na formação do indivíduo crítico e consciente, temos, muitas vezes, nos inquietado com o descaso das autoridades educacionais a respeito do ensino de LE no Brasil.

Não é gratuito, no entanto, o descrédito em que nossa atividade caiu, se considerarmos a atual situação do ensino do LE na maior parte das escolas públicas do país. A falta de uma discussão séria e sistemática a respeito do porquê ensinamos LE talvez possa ser responsável pelo “fazer desenfreado, divorciado de um sistema mais abrangente que o justifique e o embase”, como Silvia Anspach muito bem coloca no artigo que abre esta seleção de textos.

É fundamental, de início, termos claro porque ensinamos LE, uma vez que a ausência desta reflexão poderá trazer conseqüências desastrosas ao nosso trabalho, num crescendo de falsas interpretações, que culmina com a já conhecida postura de considerar o ensino de LE uma atividade marginal – de segunda classe. Nasce do bojo desta concepção as mazelas do cotidiano das aulas de LE:

- trabalho não considerado importante, donde professores sem credibilidade ou estímulo;
- aulas sem sentido, logo, mal preparadas;
- a um conteúdo pobre e alienante, seguem-se alunos descontentes e sem motivação

Como decorrência, nenhum engajamento no sentido de melhorar, seja o crédito em nosso trabalho, seja a posição curricular da LE nos programas oficiais.

Neste caminho, fica claro para nós, que a questão relativa aos objetivos do ensino de LE é crucial primeiro para nós, professores de Inglês, Francês, Alemão,... e depois, convictos de que temos um trabalho importante a fazer, poderemos enfrentar com mais convicção as adversidades e o preconceito externos.

Como uma pequena contribuição à reflexão propiciada por este número especial da *Perspectiva*, colocamos a seguir algumas considerações sobre os objetivos para o ensino de LE que nos parecem ser importantes e precisam apenas ser resgatados, uma vez que sempre estiveram presentes, em algum tempo ou lugar, com maior ou menor ênfase, neste, ou naquele momento histórico.

Dito de forma bastante sintética, através do ensino de LE, devemos tentar:

- desenvolver a capacidade intelectual do aluno;
- aumentar sua cultura pessoal e coletiva através do contato com textos literários, políticos e filosóficos;
- ampliar a compreensão do aluno a respeito do funcionamento da linguagem e levá-lo, mediante o estudo de uma outra língua, a uma conscientização mais profunda do funcionamento da sua própria;
- ensinar o aluno a ler com uma razoável compreensão a língua estrangeira, de tal sorte que não fique tão dependente de traduções (raras, caras, malfeitas às vezes) e do filtro ideológico que podem representar, constituindo-se tal habilidade numa real chance de acompanhamento da evolução do pensamento humano;
- aumentar no aluno a capacidade de leitura e compreensão em sua própria língua, objetivando a formar o leitor crítico e perspicaz;
- ampliar a chance de nossos alunos virem a ser cidadãos do mundo, hoje, não mais só intra-fronteiras;
- contribuir para abrir a visão do aluno com respeito às outras culturas, diminuindo o xenofobismo estreito, típico de sociedades mais atrasadas, ou pelo menos culturalmente defasadas;
- dotar o aluno de uma relativa capacidade de comunicação, desenvolvendo de alguma maneira, habilidades de entender e falar e, até certo ponto de escrever na(s) língua(s) que está aprendendo, no caso de cursos mais especializados.

Todos estes objetivos e outros que no momento nos escapam, não são novos. A ênfase sobre um ou outro, porém, é que vai determinar de que forma vamos estruturar nossos cursos. Tem que ficar claro, a esta altura, a íntima relação existente entre o estabelecer dos objetivos, nossas prioridades, e a organização dos cursos que vamos lecionar. É neste momento que pensamos os conteúdos e as técnicas que nos farão alcançar o que estabelecemos como fundamental. Neste sentido, colocamos alguns indícios do que, no nosso entendimento, o ensino de LE nas escolas de 1º e 2º graus deveria ser.

Acreditamos que é preciso fazer do ensino de LE uma experiência educacional importante. Para tanto é necessário que, em primeiro lugar, valorizemos o que estamos fazendo, dando aulas boas, bem preparadas em que trabalhemos conteúdos significativos na busca de um indivíduo capaz de raciocinar, pensar, refletir sobre a sua realidade e a dos povos cuja língua está tentando aprender, sem os óculos do colonialismo. Nossos cursos de LE deverão contribuir para a formação do indivíduo consciente e capaz de exercer sua cidadania sem tutela. Daí a necessidade de se ter condições de trabalhar bons textos e bons exercícios.

Bons textos – aqueles cujos conteúdos não sejam meros repassadores de uma ideologia que não contribui em nada para a superação de nossa dependência

em todos os sentidos;

Bons exercícios – aqueles que não sirvam de simples instrumentos de domesticação do pensamento, isto é, e repetitivos, não contribuindo, por sua vez, para a emancipação da capacidade criativa – do ato de pensar e resolver problemas.

Voltando à apresentação do nosso número especial, que na variedade de seus artigos, discute de forma mais aprofundada muitos dos temas que apenas mencionamos, é importante dizer da valiosa contribuição que representam para o entendimento dessa complexa questão.

Devido à diversidade de temas abordados, ficou difícil a organização da seqüência dos artigos com uma lógica determinada. Usamos, então, o critério de partir do mais geral para o mais específico. Neste sentido a lista de bons artigos começa com os trabalhos de Anspach e Menezes de Souza que discutem a problemática mais geral do ensino de LE. Anspach questiona, inclusive, numa excelente provocação aos professores de LE, se faz sentido falar em ensino de LE, ao invés de tratar o assunto de forma globalizada: “Ensino de Línguas ou simplesmente Ensino?”. Se conseguirmos superar o primeiro sentimento de “traição” que nos assalta, teremos uma gratificante experiência de como questionar tudo o que fazemos e a todo o momento, à luz de uma rica reflexão existente.

Na continuidade, alguns artigos, tratam de questões relacionadas ao como e ao que ensinar, mas, em sua maioria, os trabalhos refletem mais a preocupação com o ensino das diversas línguas, numa clara menção à tentativa de se aumentar, hoje, o leque de opções aos estudantes, até bem pouco tempo, restrito ao Inglês. Nessa mesma direção há alguns importantes relatos de experiências, como é o caso dos artigos de Takeuchi, Zanatta, Gonzales e Metz.

Perpassa, também, em alguns artigos, a preocupação com o ensino da leitura, assunto que tem sido bastante trabalhado e sobre o qual algumas boas publicações apareceram ultimamente.

Esperamos, finalmente, que este número seja significativo para professores estudiosos e interessados no ensino de línguas estrangeiras.

Concluindo, resta-nos agradecer aos autores dos artigos aqui apresentados, a presteza e a atenção com que atenderam nosso convite de participar deste número especial da Revista Perspectiva. Temos certeza de que, da forma que nos é possível, estamos contribuindo para aumentar o entendimento das questões relativas ao ensino de LE no Brasil.

Tânea Rondon Quintanilha e Vera Lúcia Bazzo
Organizadoras